

CERTEZAS EM CONFRONTO: O FUNCIONAMENTO DOS SENTIDOS EM RELAÇÃO A “NEGRO” NO BRASIL

*CERTAINTY IN CLASH: THE FUNCTIONING OF THE MEANINGS IN RELATION TO
“NEGRO” IN BRAZIL*

Wolber Sebastião Pereira¹

Rosimar Regina Rodrigues de Oliveira²

Florisbete de Jesus Silva³

Resumo: Este artigo analisa o funcionamento da linguagem na construção de certezas nos dizeres de duas figuras públicas no Brasil, o jornalista e presidente da Fundação Cultural Palmares (FCP) e o seu pai, também jornalista, escritor, crítico literário e ativista no Movimento Negro. Desse modo, buscamos compreender como, nas enunciações do jornalista e do escritor, acerca do negro, do Movimento Negro e do Dia da Consciência Negra, as certezas em funcionamento se opõem, e nesse jogo de embates de sentidos, podem ser questionadas, contestadas. O aporte teórico-analítico se constitui a partir da posição teórica da Semântica do Acontecimento, que se dá numa perspectiva enunciativa, conforme Guimarães ([2002] 2005, 2018). Abordamos também a teoria das certezas em Wittgenstein (1969) e a teoria performativa desenvolvida por Austin ([1962] 1990), posteriormente retomadas e rediscutidas por estudos desenvolvidos no campo teórico de análise em que nos filiamos. Dessa forma, o objetivo desse texto é analisar o funcionamento político da linguagem na construção dos sentidos em torno da palavra “negro”, que apontam a direção das certezas no funcionamento argumentativo que se dá como uma prática política em que se inscrevem os sentidos.

Palavras-chave: Certezas. Sentidos. Argumentação. Negro. Enunciação.

Abstract: This article analyzes the functioning of language in the construction of certainties in the speeches of two public personalities in Brazil, the journalist and president of Fundação Cultural Palmares (FCP) and his father, also a journalist, writer, critic and activist in the Black Movement. In this way, we seek to understand how, in the enunciations of the journalist and the writer about black people, the Black Movement and the Black Consciousness Day, the certainties in operation are opposed, and in this game of conflicts of meanings, they can be questioned, contested. The theoretical-analytical contribution is constituted from the theoretical position of the Semantics of the Event, which takes place in an enunciative perspective, according to Guimarães ([2002] 2005, 2018).

¹ Doutor em Linguística pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT); Professor no Curso de Letras – UNEMAT/Cáceres; Coordenador do Projeto de Pesquisa Significar Mato Grosso: Um estudo semântico-enunciativo da constituição sócio-histórica do Estado de Mato Grosso (Significar MT); Coordenador do Projeto de Pesquisa Um estudo semântico-enunciativo de Cáceres-MT, Princesinha do Paraguai; Pesquisadora no grupo de Pesquisa Linguagem, Enunciação, Discurso - LED – UNICAMP. E-mail: wolbersp@unemat.br.

² Doutora em linguística pela Unicamp; Professora Adjunta da Faculdade de Letras, do Instituto de Linguística Letras e Artes, da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará/UNIFESSPA; Coordenadora do Projeto de Pesquisa: Linguagem e significação: práticas sociais na Amazônia - UNIFESSPA; Pesquisadora no grupo de Pesquisa Linguagem, Enunciação, Discurso - LED – UNICAMP. E-mail: rosi@unifesspa.edu.br.

³ Doutoranda em Linguística, na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Mestra em Linguística pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb), Vitória da Conquista. Mestra em Educação pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia (ULHT), Lisboa, Portugal. Professora da Faculdade Nossa Senhora de Lourdes (FNLS), Porto Seguro, Bahia. Professora de Língua Portuguesa na Rede Municipal de Porto Seguro. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Linguagem, Enunciação, Discurso (LED) da Unicamp e do Grupo de Pesquisa em Estudos Semânticos (Gepes) da Uesb. E-mail: florisbete@gmail.com

We also approached the theory of certainties in Wittgenstein (1969) and the performative theory developed by Austin ([1962] 1990), later resumed and rediscussed by studies developed in the theoretical field of analysis to which we are affiliated. Thus, the main purpose of this text is to analyze the political functioning of language in the construction of the meanings around the word " negro", which point to the direction of certainties in the argumentative functioning that takes place as a political practice in which the meanings are inscribed.

Keywords: Certainties. Senses. Argumentation. Black. Enunciation.

Introdução

No dia 28 de novembro de 2019, a Fundação Cultural Palmares (FCP) teve sua direção assumida por um novo presidente⁴. Por todo o período do seu mandato, ele foi citado de modo constante pela mídia brasileira devido às suas decisões e declarações de cunho racista, uma vez que, sendo o dirigente máximo de uma Fundação que se propõe a proteger e amparar as pessoas negras, assim como sua história e sua cultura, apresentava certezas em relação ao negro que vão em direção contrária às causas do Movimento Negro⁵ e ao que propõe a FCP, por exemplo, ao dizer que “Zumbi era um filho da puta que escravizava pretos”, e que o Movimento Negro é “uma escória maldita”, enunciações que produzem sentidos opostos àqueles que circulam nos movimentos.

Na contramão das certezas afirmadas pelo presidente da FCP, há um outro dizer/uma outra certeza, de um jornalista, crítico literário e escritor negro de grande reconhecimento nas últimas décadas, militante na luta por políticas públicas em favor das pessoas negras e da sua cultura. Esse é o pai do presidente da Fundação Palmares. Em oposição às certezas e afirmações do presidente da FCP, que diz, por exemplo, que a militância é “*mimimi*” e “vitimização”, as certezas e afirmações do escritor apontam para a direção da necessidade da militância: “Falta voz ao negro. Eu tento, como negro, dar voz à minha turma, que tem pouca voz”⁶.

⁴ Fonte: Fundação Cultural Palmares (FCP). Disponível em: <<https://www.palmares.gov.br/wp-content/uploads/2020/03/Nomea%c3%a7%c3%a3o-do-Sr-S%c3%a9rgio-Camargo-como-presidente-da-FCP-1.pdf>>. Acesso em: 12 nov. 2021.

⁵ Consideramos, neste texto, Movimento Negro conforme Gomes (2017, p. 23-24), que diz “entende-se com Movimento Negro as mais diversas formas de organização e articulação das negras e dos negros politicamente posicionados na luta contra o racismo e que visam a superação desse perverso fenômeno na sociedade. Participam dessa definição os grupos políticos, acadêmicos, culturais, religiosos e artísticos com o *objetivo explícito* de superação do racismo e da discriminação racial, de valorização e afirmação da história e da cultura negras no Brasil, de rompimento das barreiras racistas impostas aos negros e negras na ocupação dos diferentes espaços e lugares na sociedade.”

⁶ Entrevista a Shel Almeida, publicada no dia 20 de dezembro de 2020. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/ecoa/reportagens-especiais/oswaldo-de-camargo-dar-nome-de-um-negro-a-uma-praca-e-coisa-historica/>>. Acesso em: 12 nov. 2021.

Diante dessa oposição em que está em funcionamento diferentes lugares de dizer, analisamos como as enunciações desses dois sujeitos (pensados aqui como constituídos pelo funcionamento da língua) apresentam certezas que se opõem; o que reforça que as certezas podem ser colocadas em xeque, já que as construídas no dizer do presidente da FCP são contestadas a partir das presentes no dizer do escritor, gerando, com isso, a dúvida, a possibilidade da existência de certezas que são questionáveis.

De acordo com Wittgenstein (1969), por um viés filosófico, a construção de certezas/incertezas faz parte do jogo da linguagem, e o conhecimento desse jogo é que cria condições para que se acredite no que está sendo dito ou para questionar, contestar, estabelecer a dúvida. Ou seja, embora todos aqueles que falam estejam inseridos nesse jogo, nem todos o conhecem, então, nem todos têm condição de questionar, contestar, estabelecer a dúvida. Nessa direção, as certezas ditas pelo presidente da FCP, assim como as certezas ditas pelo escritor, podem ser tomadas como incontestáveis por aqueles que não conheçam o “jogo da linguagem” ou podem ser questionadas, por aqueles que conheçam esse “jogo”.

A posição de Wittgenstein é interessante por considerar que certezas e incertezas são constituídas na linguagem. Contudo, a partir de uma posição linguística e materialista consideramos que os sentidos postos enquanto certezas se constituem na e pela enunciação, são produzidos a partir do agenciamento (Guimarães [2002] 2005, 2018) do sujeito a falar e, ao falar se constitui como Locutor (L) e o faz de um lugar social de dizer de alocutor-x (al-x) e de um lugar de dizer, enquanto enunciador (E). Esses lugares constituem o que Guimarães (2018) chama de politopia da cena enunciativa. Assim, neste artigo propomos analisar como um Locutor (fonte do dizer), do lugar da certeza, se divide em um lugar social (al-x, aquele que diz) e institui o lugar social de alocutário (at-x – aquele para quem se diz), que concorda com as certezas apresentadas ou contesta e questiona essas certezas.

Nessas relações, consideramos a importância de abordarmos a performatividade no dizer, conceito que é desenvolvido por Austin ([1962]1990), depois retomado por outros autores como Benveniste (1995) e Ducrot (1977). Para Austin (1962 [1990]), a performatividade é a realização de uma ação quando proferida uma sentença. Guimarães (2011, 2018) também retoma Austin, mas considera que a performatividade se constitui como sentido no acontecimento em que se dá, ou seja, se dá quando o Locutor se divide em alocutor e significa por esse lugar social que diz a seu alocutário, lugares determinados sócio-historicamente. Às análises que desenvolvemos neste texto a performatividade nos interessa dessa forma, considerada pela relação na cena enunciativa, em que a força

enunciativa, que possibilita a performatividade, está relacionada ao lugar social de dizer, ao alocutor-x, como poderá ser observado nas análises.

A constituição da enunciação

A enunciação, segundo Guimarães ([2002] 2005, 2018), é uma prática política que instala o conflito no centro do dizer, pela contradição entre a normatividade das instituições sociais que organizam desigualmente o real e a afirmação de pertencimento dos não incluídos. Ela é um acontecimento sócio-histórico, onde se dá a relação do sujeito com a língua, e deve acontecer num espaço em que haja possibilidade de se pensar que o sentido se constitui historicamente.

Esse acontecimento não é um fato no tempo, por isso não pode ser pensado numa sequência temporal linear, em que há uma marcação de um passado e de um futuro. É o acontecimento que instala a sua temporalidade, na qual o passado não é representado pelo antes, e sim pelo memorável, um recorte realizado pelo acontecimento, originando, a partir daí, a latência do futuro, as várias possibilidades de interpretação. É nessa projeção para o futuro que tal acontecimento significa, uma vez que abre o lugar dos sentidos. Esse passado não é uma lembrança individual, mas rememoração de enunciações, pois se apresenta como parte de uma nova temporalização, assim como a futuridade. Desse modo, o acontecimento é sempre um espaço novo onde os tempos convivem, criando condições para o sentido, para o acontecimento da linguagem e para a enunciação (GUIMARÃES, ([2002] 2005, 2018).

O espaço da enunciação é um espaço político, de funcionamento da língua, em que o direito de dizer e o modo de dizer tornam-se objetos de disputa, estabelecendo um conflito entre a normatividade que estabelece desigualmente uma divisão do real, configurando uma redivisão em que os desiguais afirmam seu pertencimento (GUIMARÃES, [2002] 2005, 2018).

O acesso à palavra, neste espaço, se dá mediante o agenciamento do falante, figura política da enunciação agenciada a “dizer certas coisas e não outras”, a “falar de certos lugares de locutor e não de outros, a ter certos interlocutores e não outros” (GUIMARÃES, 2008, p. 88). Esses modos específicos de acesso à palavra são constituídos pela cena enunciativa, um espaço particular onde os lugares de enunciação no acontecimento são distribuídos. Desse modo, temos o lugar responsável pelo dizer (Locutor – com L maiúsculo), o lugar social de dizer (alocutor-x), que diz a seu *alocutário* (*alocutário-x*), constituídos enquanto lugar social. Esse funcionamento da língua, pelo agenciamento enunciativo, é

constituído na e pela “cena enunciativa”, configurando as relações de *alocução* ; há ainda o lugar de dizer, constituído pelas vozes de um enunciador-individual, um enunciador-genérico, um enunciador-universal e um enunciador-coletivo (GUIMARÃES, [2002] 2005).

Consideramos relevante a abordagem de Wittgenstein em relação à certeza, porém é preciso considerar que não estamos propondo descobrir ou questionar as certezas no que foi dito pelo presidente da FCP ou pelo escritor/ativista. Temos apenas o objetivo de analisar como se constituem os sentidos de alguns enunciados em funcionamento em enunciações dos dois falantes, sendo que essas enunciações, ao tratarem da mesma questão, apresentam certezas em direções antagônicas. Será analisado o que está sendo dito, a fim de saber como os sentidos estão se constituindo no dizer do Locutor e como estão constituindo o Locutor (L), o alocutor (al-x) e os enunciadores (E).

Será constituído, também, o Domínio Semântico de Determinação, doravante DSD, em torno da palavra “Zumbi” e da expressão “consciência negra”. Na constituição do DSD as palavras são apresentadas na relação direta com as outras palavras que as determinam, para tanto são utilizados os procedimentos de reescrituração e articulação para observar como a linguagem “‘se reporta a’, ‘se relaciona a’, ‘diz de’ alguma coisa” (GUIMARÃES, 2007, p.77), representando, por exemplo, o sentido de palavras como “negro” na relação com “consciência negra”, na enunciação do presidente da Fundação Cultural Palmares e do escritor/ativista.

Pelo procedimento de articulação podemos observar a combinação entre as palavras, expressões, enunciados, se organizando estruturalmente na enunciação pelo “funcionamento de certas formas [que] afetam outras que elas não redizem” (GUIMARÃES, 2004a, p. 8), podendo ser por: dependência, incidência ou coordenação. Quanto ao procedimento de reescrituração, possibilita observar a textualidade linguística que “consiste em se redizer o que já foi dito” (GUIMARÃES, 2011, p. 46), produzindo outros sentidos, diferentes entre si. Esse procedimento possibilita observar as ligações entre diferentes pontos em um mesmo texto ou “pontos de um texto com pontos de outro texto”, produzindo sentidos no acontecimento. São diversos os modos de reescrituração: repetição, substituição ou elipse, expansão, condensação, conforme consta em Guimarães (2018, p. 93).

Como dissemos acima, esses procedimentos de articulação e reescrituração nos possibilitam estabelecer o DSD, em que são analisadas as relações enunciativas, constituindo a designação (GUIMARÃES, 2002). Para a representação do DSD são utilizados alguns símbolos específicos, que são: \vdash ou \dashv ou \perp ou \top , que se lê “determina”. Por exemplo: show

de pagode | dia da consciência negra; se houver um traço contínuo na posição horizontal, dividindo o DSD _____, significa a existência de antonímia; um traço simples - entre duas palavras significa que há sinonímia entre elas.

Analisaremos também o funcionamento da argumentação nas enunciações. A posição teórica que aqui assumimos toma a argumentação como um movimento político da língua, em que o locutor sustenta uma conclusão, articulando lugares de dizer diferentes, mas sem intenção de persuadir o alocutário. Assim, os sentidos da argumentação são produzidos pela enunciação, em uma relação de litígio, de luta pelo pertencimento e pelo direito ao dizer.

Análise

O *corpus* que aqui tomamos para análise é constituído, como mencionamos acima, por enunciados presentes em enunciações de dois diferentes indivíduos que ocupam lugares sociais distintos: 1. do presidente da Fundação Cultural Palmares⁷; 2. do escritor e ativista do Movimento Negro. Os recortes selecionados são: 1a) enunciados que se referem a Zumbi dos Palmares e 1b) enunciados que se referem ao “dia da consciência negra”. Ambos os enunciados foram selecionados da enunciação ocorrida em uma reunião realizada pelo presidente da FCP, no dia 30 de abril de 2020, com dois servidores da instituição, cujo conteúdo foi publicado em primeira mão pelo Jornal *O Estado de São Paulo*, depois pelos demais veículos da mídia nacional, a exemplo do Jornal *Metrópole*, em cujo site tivemos acesso ao áudio e a sua transcrição⁸, publicados no dia 02 de junho de 2020; tal e qual o enunciado 1b, há em 1c enunciados que se referem a uma “agenda” da Fundação Cultural Palmares, selecionados em declarações feitas pelo presidente e publicadas pelo jornalista Augusto Fernandes, do *Correio Brasiliense*, no dia 03/09/2021⁹. Em 2a., temos recortes de trechos de entrevistas¹⁰ concedidas em 2015 e em 2020, pelo jornalista e escritor, pai do

⁷ Como serão analisados enunciados presentes em enunciações de diferentes Locutores, então, serão identificados da seguinte forma: enunciado referentes à enunciação do presidente da FCP serão identificados com o número “1”; os enunciados referentes ao escritor, ativista, pai do presidente da FCP, serão identificados com o número “2”; as letras “a”, “b” etc., que, mais adiante, acompanharão os enunciados, identificam e diferenciam os enunciados entre si.

⁸ Presidente da Fundação Palmares: movimento negro é “escória maldita”. Ouça. In: <<https://www.metropoles.com/brasil/presidente-da-fundacao-palmares-movimento-negro-e-escoria-maldita-ouca>>. Acesso em: 15 nov. 2021.

⁹ Sérgio Camargo: Sou o terror dos "afromimizentos" e da negrada vitimista In: <<https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2021/09/4947634-sergio-camargo-sou-o-terror-dos-afromimizentos-e-da-negrada-vitimista.html>>. Acesso em: 15 nov. 2021

¹⁰ Concedida ao jornalista Marco Martins, para o Programa Persona da UFPR TV, no dia 03 de abril de 2015, disponível em: <https://youtu.be/A9X4ne3cBjc>, e à jornalista Shel Almeida, do Canal UOL, no dia 20 de dezembro de 2020, disponível em: <<https://youtu.be/v6JSaoovTSg>>. Acesso em: 16 nov. 2021.

presidente da FCP ; 2b., recortes de depoimento gravado em maio de 2017, no *Itaú Cultural*, em São Paulo/SP¹¹, também por parte do jornalista, escritor e ativista do Movimento Negro.

A certeza e a negação ao racismo

Iniciemos, então, a análise, com os enunciados selecionados nas enunciações do presidente da Fundação Palmares, acerca do Dia da Consciência Negra.

1a. **Não tenho que admirar Zumbi dos Palmares¹², que, para mim, era um filho da puta que escravizava pretos** (Trechos de áudio de reunião entre o presidente da FCP e dois servidores, publicados pelo Jornal *Metrópolis*, no dia 02/06/2020 [https://www.metropoles.com/brasil/presidente-da-fundacao-palmares-movimento-negro-e-escoria-maldita-ouca]. Acesso em: 15 nov. 2021).

1b. **Não tenho que apoiar dia da consciência negra.** Aqui não vai ter, vai ter zero da consciência negra. **Quando cheguei aqui, tinham eventos até no Amapá, tinha show de pagode no dia da consciência negra** (Trechos de áudio de reunião entre o presidente da FCP e dois servidores, publicados pelo Jornal *Metrópolis*, no dia 02/06/2020 [https://www.metropoles.com/brasil/presidente-da-fundacao-palmares-movimento-negro-e-escoria-maldita-ouca]. Acesso em: 15 nov. 2021).

1c. O que estou fazendo lá tem um significado simbólico poderoso. **A gente está demolindo uma agenda que é pernicioso, que divide e que deve ser jogada na lata do lixo, pois é imprestável para a nação brasileira.** (Dizer do presidente da FCP, publicado pelo jornalista Augusto Fernandes, do *Correio Brasiliense*, no dia 03/09/2021 [https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2021/09/4947634-sergio-camargo-so-u-o-terror-dos-afromimizentos-e-da-negrada-vitimista.html]. Acesso em: 15 nov. 2021).

Nestas enunciações, temos um Locutor que, enquanto Presidente da FCP, significa de um lugar social de alocutor (alocutor-x, alocutor-Presidente da FCP). Seu dizer se dá de um ponto de vista de enunciador-individual e produz sentidos de uma posição contrária ao que propõem os movimentos de apoio e de defesa dos negros, contra o racismo, a exclusão, a desigualdade social.

No enunciado 1a, ao dizer “não tenho que admirar Zumbi dos Palmares” e ainda que Zumbi “escravizava negros”, o alocutor-Presidente da FCP se posiciona contrário ao Movimento Negro e nega o que diz a história contada por esse movimento e por muitos autores e historiadores, uma vez que Zumbi dos Palmares é reconhecido pelo Movimento Negro e pela história brasileira como o grande líder que salvou muitos escravizados da

¹¹ Disponível em: <https://youtu.be/nqR5ndrBVNo>. Acesso em: 16 nov. 2021.

¹² Todos os grifos em negrito neste trabalho são nossos.

senzala e da morte, ao dar guarida e proteção, no quilombo que liderava, “o Quilombo dos Palmares”, àqueles que fugiam das fazendas. Desse modo, o dizer desse alocutor produz sentidos que não reconhecem e negam a história que constitui a cultura negra, um dizer racista.

O dizer que Zumbi “era um filho da puta que escravizava pretos”, não somente nega a importância de Zumbi para a cultura negra, como também utiliza-se de palavras ofensivas e de baixo calão, o que não se espera de uma pessoa que ocupa o lugar de presidente de uma fundação cultural de grande importância nacional. Esse enunciado significa o sentido racista do dizer do al-Presidente da FCP. Embora o Locutor signifique pelo lugar de Presidente da FCP, o sentido que produz não é o que se espera do dizer desse lugar, o lugar social, que deveria ser de defesa das questões negras, e não de uma posição discriminatória.

No enunciado 1a, é possível observarmos as relações de articulação em que Zumbi dos Palmares é qualificado como “um filho da puta” e “que escravizava negros”, o que justifica que “não tenho que admirar”. Por essas relações, podemos apresentar o DSD 1:

filho da puta | Zumbi | escravizava negros

O enunciado “era um filho da puta que escravizava pretos” sustenta a argumentação para a não necessidade de admiração de Zumbi dos Palmares, assim se constitui a certeza de que Zumbi não foi um representante negro e de que a história contada a respeito do negro no Brasil não é verdadeira, uma vez que significa Zumbi como um escravagista. Desse modo, além do não reconhecimento da importância de Zumbi dos Palmares como representante negro e, conseqüentemente, da negação da história dos negros e da negação da importância do Movimento Negro no Brasil, há o funcionamento argumentativo, em 1b e 1c, que direciona para a negação à agenda de financiamentos para as ações comemorativas ao dia da consciência negra e até para a negação à “consciência negra”.

No enunciado 1b, analisaremos a designação de “consciência negra”. Vejamos:

1b. **“Não tenho que apoiar dia da consciência negra. Aqui não vai ter, vai ter zero pra consciência negra. Quando cheguei aqui, tinham eventos até no Amapá, tinha show de pagode no dia da consciência negra”.**

Nessa enunciação, que se instaura na cena enunciativa de 1b, o enunciado “vai ter zero pra consciência negra” projeta sentidos para a extinção do Dia da Consciência Negra, que ocorre em 20 de novembro. Nessa data, diferentes ações são realizadas no Brasil, visando

discutir o racismo estrutural¹³ existente no país e a importância de combatê-lo, principalmente por meio da educação, da disseminação de conhecimento acerca do povo negro, da sua importância na história do país, nas diferentes esferas da vida nacional.

Nesses enunciados, ao ser negado o financiamento para a realização da agenda do dia da consciência negra, temos o enunciado “consciência negra” sendo articulado a “dia da” e “no dia da” e “zero pra”. Nessas relações há, nas articulações “dia da consciência negra” e “no dia da consciência negra”, o sentido de que há um dia dessa consciência, que é negra, e que nesse dia, normalmente, há apoio financeiro à realização de eventos comemorativos. Há, também, a articulação com “vai ter zero pra consciência negra”, que aponta para o não apoio, o não financiamento para a realização dos eventos comemorativos a essa data.

Nas relações analisadas, o enunciado “dia da consciência negra” é reescriturado por repetição, por “dia da consciência negra”, e “apoiar” é reescriturado por expansão, por “zero pra consciência negra”, sendo que essas reescriturações estão articuladas a “eventos até no Amapá” e “show de pagode”. Contudo, é possível considerar que “dia da consciência negra” e “no dia da consciência negra” estão determinadas por “eventos até no Amapá” e “show de pagode”, enquanto que a substituição que se dá por “zero pra consciência negra” não está, uma vez que não se coloca uma negação ao dia, mas uma negação à “consciência negra”.

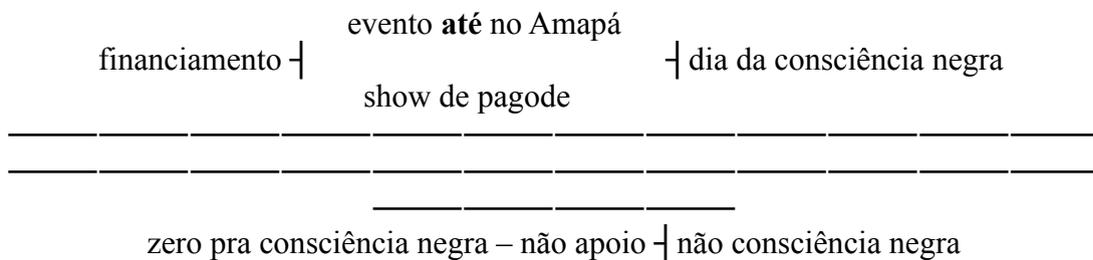
Desse modo, “eventos até no Amapá” e “show de pagode” são argumentos que justificam o não financiamento da FCP à agenda comemorativa ao dia da consciência negra. No primeiro enunciado, “evento até no Amapá”, o conectivo “até” está se referindo a eventos que ocorriam também em outros estados e indicando como argumento mais forte para a não realização desses eventos, o fato de eles ocorrerem “até no Amapá”. Nesse sentido, o estado do Amapá é tomado como o menos importante para a realização dessa agenda, por isso colocado como argumento de força para a negação ao financiamento, não sendo considerada, por exemplo, a participação que esse estado teve na recepção a negros para serem escravizados no período da escravidão.

Além desse argumento para o não financiamento dos eventos em comemoração ao “dia da consciência negra”, é apresentado também o argumento de que “tinha show de pagode”, que, por vir articulado numa posição posterior ao enunciado “até no Amapá”,

¹³ Para Silvio Almeida (2019, p. 50-51), o racismo estrutural é decorrente da própria estrutura social, constituindo, com seu padrão de normalidade, “as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares”. Assim, “comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção”, e esse “processo histórico e político cria as condições sociais para que, direta ou indiretamente, grupos racialmente identificados sejam discriminados de forma sistemática”.

apresenta-se como um argumento ainda mais forte do que o enunciado anterior. Desse modo, “tinha show de pagode no dia da consciência negra” é um enunciado que se apresenta como justificativa relevante para o não financiamento da agenda do dia da consciência negra, significada como “perniciosa, imprestável, para a nação brasileira”, o que parece produzir sentidos de que não há relação entre o pagode e os negros ou o Movimento Negro; ou ainda, que o pagode não é um bom estilo musical, inclusive por ter relação com o negro e, por conseguinte, com o Movimento Negro.

Dadas essas relações, é possível considerarmos que, na enunciação do presidente da FCP, ao tratar do dia da consciência negra ou do Movimento Negro, nos enunciados acima, é possível constituirmos o DSD 2:



Nessa direção, ao dizer enquanto enunciador individual, o presidente da FCP fala como sendo o único que pode decidir financiar os eventos do dia da consciência negra ou não, e que, nesse caso, decide não financiar. A oposição se dá uma vez que são estabelecidos dois movimentos de sentidos: um em que a FCP financiava os eventos relacionados ao dia da consciência negra; outro em que a FCP não financia os eventos do Movimento Negro e não reconhece esse Movimento.

Vejamos agora o funcionamento do enunciado 1c:

1c. O que estou fazendo lá tem um significado simbólico poderoso. **A gente está demolindo uma agenda que é perniciosa, que divide e que deve ser jogada na lata do lixo, pois é imprestável para a nação brasileira.**

Em relação ao enunciado 1c, o lugar de dizer é de um lugar coletivo, pois ao dizer “a gente”, é como se representasse a voz de todos como uma única voz, o que estaria “ligado a um lugar, corporativo, de um conjunto, que o dizer apresenta como um todo específico” (GUIMARÃES, 2012, p.193). Porém, no enunciado que antecede à colocação pronominal “a gente”, há um enunciado que diz “o que estou fazendo lá” e que é retomado como parte da coletividade que expressão “a gente” significa. Desse modo, o enunciador que está em

funcionamento no enunciado em que o presidente da FCP diz “A gente está demolindo uma agenda que é perniciosa, que divide e que deve ser jogada na lata do lixo”, é, assim como os anteriores, um enunciador coletivo.

Nesse enunciado, podemos observar que a palavra “agenda”, que se refere à agenda da FCP, que organiza as atividades e comemorações da Fundação, é qualificada como “perniciosa”, “divisora”, “imprestável para a nação brasileira”, e isso funciona como uma justificativa para a sua “demolição”. Assim, é possível compreender que já havia uma agenda em andamento, mas que não atende ao que se propõe a Fundação Palmares que, conforme consta em seu site, tem como compromisso “o combate ao racismo, a promoção da igualdade, a valorização, difusão e preservação da cultura negra”¹⁴. São, então, produzidos sentidos de que a agenda anteriormente proposta não leva em consideração esses compromissos ou de que a nova agenda não se propõe a atender a esses compromissos.

Estabelecendo as relações entre 1b e 1c, é possível considerar que a forma “uma agenda” reescreve, por condensação, a expressão “dia da consciência negra”, sendo que essa expressão está determinada, como vimos no DSD anterior, por uma oposição em relação à “consciência negra”, em que há um movimento de sentidos apontando para a existência de uma consciência negra que é festejada e financiada e para outra, a não existência de uma consciência negra e que, portanto, não há festejos nem financiamentos (zero da consciência negra). Nessa direção, essa agenda da consciência negra, que consta da FCP, está na relação com outras e sendo significada como “perniciosa, que divide e que deve ser jogada na lata do lixo, pois é imprestável para a nação brasileira”, por isso está sendo demolida, conforme diz o presidente da FCP.

Pelas relações analisadas na cena enunciativa, nos três recortes acima, há um Locutor que, ao dizer, se constitui pelo lugar social de locutor-Presidente da FCP, que diz de uma posição racista, instaurando como seu correlato o lugar social de alocutário-funcionários, mas que se estende aos leitores das mídias em que foi divulgado o teor da reunião. Quanto ao lugar de dizer, funciona como enunciador-individual, pois nos dois primeiros enunciados, 1a: “não tenho que admirar Zumbi dos Palmares” e 1b: “Não tenho que apoiar dia da consciência negra”, há, também, uma voz individual que diz “[eu] não tenho que”. Esse enunciador, conforme Guimarães ([2002] 2005, p. 25-26), desconhece que fala de algum lugar, por isso diz como estando “acima de todos, independente da história”. Lugar que possibilita

¹⁴ Apresentação da Fundação Cultural Palmares Disponível em https://www.palmares.gov.br/?page_id=95. Acesso em 05 abr. 2022.

desconsiderar a função e o objetivo que amparam a existência da Fundação Cultural Palmares, que recebe esse nome em homenagem ao líder negro Zumbi dos Palmares.

A enunciação do Presidente da FCP apresenta uma força performativa, pois quem diz o faz do lugar de alocutor-presidente da FCP e diz ao alocutário-povo brasileiro, constituindo seu correlato, especialmente, entre aqueles que se identificam com o seu dizer, ou seja, os alocutários que ocupam posições também racistas, seja negro ou não. Dizer do lugar de alocutor-Presidente da FCP/alocutário-povo brasileiro é dizer do lugar da certeza em relação à condição do negro.

A certeza e a desconstrução de sentidos racistas

Como dissemos acima, selecionamos enunciados em funcionamento na enunciação de dois falantes, sendo um deles o presidente da Fundação Cultural Palmares, que analisamos no tópico acima, o outro o escritor e ativista, pai do presidente da FCP, que analisaremos abaixo. Seguem os enunciados:

2a.: **Zumbi é uma figura fundamental para esse anseio de liberdade.** Nesse aspecto, **ele continua vivo, o que é importantíssimo.** Mas o fundamental é que no século XVIII apareceu **alguém que teve o poder de se tornar o ícone da liberdade.** Então, **Zumbi é a figura que representa o próprio negro pegando o seu destino e fazendo uma revolução contra o dominador.** (Entrevista concedida pelo escritor Oswaldo de Camargo, à jornalista Shel Almeida, do *Canal UOL*, no dia 20/12/2020 [<https://youtu.be/v6JsaoovTSg>]. Acesso em: 16 nov. 2021).

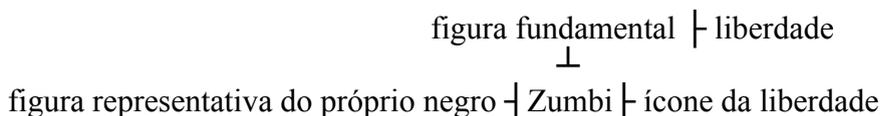
2b.: Eu sou um homem ultrainteressado pela história do negro, **muita coisa que eu consegui, que eu escrevo está abalizada em cima da história do negro, associações culturais (...) é uma luta em que eu acho que houve acerto. Não se deve pensar em desmontar isso porque foi algo muito acertado.** [...] Foi na **Associação Cultural do Negro** onde começou verdadeiramente a minha conscientização da **história do negro** [...] Estou no **Movimento Negro** como escritor. (Entrevista concedida pelo escritor Oswaldo de Camargo, à jornalista Shel Almeida, do *Canal UOL*, no dia 20/12/2020 [<https://youtu.be/v6JsaoovTSg>]. Acesso em: 16 nov. 2021).

Ao tomarmos o recorte 2a., observamos que o dizer em relação a Zumbi dos Palmares, constitutivo da enunciação do escritor e ativista do Movimento Negro, pai do presidente da FCP, como veremos no enunciado abaixo, diz da importância de Zumbi enquanto representação do “**próprio negro**”:

2a.: **Zumbi é uma figura fundamental para esse anseio de liberdade.** Nesse aspecto, **ele continua vivo, o que é importantíssimo.** Mas o fundamental é que no século XVIII apareceu **alguém que teve o poder de se tornar o ícone da liberdade.** Então, **Zumbi é a figura que representa o próprio negro pegando o seu destino e fazendo uma revolução contra o dominador.** (Entrevista concedida pelo escritor Oswaldo de Camargo, à jornalista Shel Almeida, do *Canal UOL*, no dia 20/12/2020 [https://youtu.be/v6JsaoovTSg]. Acesso em: 16 nov. 2021).

Pelas relações apresentadas nesse recorte, é possível observar que o Locutor, ao dizer, o faz do lugar social de locutor-historiador-ativista, pois diz enquanto conhecedor da história, inclusive sustentando-se em períodos históricos como “no século XVIII”; há, então, um lugar de dizer enquanto enunciador-universal, pois enuncia de um lugar próprio do dizer científico, apesar de não ser exclusividade dele. Também se apresenta como “acima da história, de onde se diz sobre o mundo” (GUIMARÃES, [2002] 2005, p. 26).

Nessa enunciação, o nome Zumbi ocorre articulado algumas vezes em relações de predicação, como em “é uma figura fundamental”, “o ícone da liberdade” e “é a figura que representa o próprio negro”. O nome Zumbi está funcionando, também, nesses mesmos enunciados, enquanto uma reescrituração que produz sentido de definição. Desse modo, Zumbi está reescriturado por “figura fundamental”, “ícone da liberdade” e “figura que representa o próprio negro”. Essa reescrituração apresenta uma gradação em que está em funcionamento para o nome Zumbi, alguns sentidos enquanto “figura”, “ícone”, que são atribuídos apenas ao próprio Zumbi; e depois de “representação do próprio negro”, em que é estabelecida uma correspondência entre Zumbi e os demais negros, sendo os negros constituídos enquanto o alocutário (at-negro), correlato ao lugar social de alocutor-historiador-ativista. Essas reescriturações produzem ainda o sentido de hiperonímia, em que “figura”, “ícone” e “negro” são hiperônimos de Zumbi. Por essas relações, é possível apresentar o DSD 3:



As relações que se apresentam no DSD acima produzem para Zumbi um sentido de representação do próprio negro, que é imagem de resistência e de luta por liberdade contra tudo o que o domina. Ao dizer do lugar social de alocutor-historiador-ativista, institui como seu correlato o lugar social de alocutário-povo negro, para quem ele argumenta, na direção

dos sentidos apresentados no DSD, de que assim como Zumbi é preciso resistir, lutar por liberdade, não aceitar a dominação.

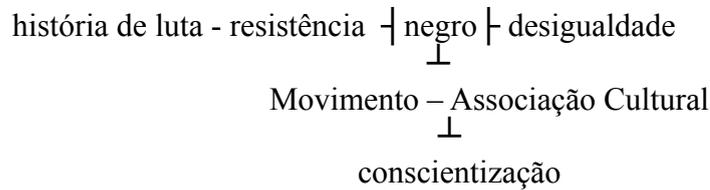
2b.: Eu sou um homem ultrainteressado pela **história do negro**, muita coisa que eu consegui, que eu escrevo está abalizada em cima da **história do negro, associações culturais (...)** é uma luta em que eu acho que houve acerto. Não se deve pensar em desmontar isso porque foi algo muito acertado. [...] Foi na **Associação Cultural do Negro** onde começou verdadeiramente a minha conscientização da **história do negro** [...] Estou no **Movimento Negro** como escritor. (Entrevista concedida pelo escritor Oswaldo de Camargo, à jornalista Shel Almeida, do *Canal UOL*, no dia 20/12/2020 [<https://youtu.be/v6JSaooVTSg>]. Acesso em: 16 nov. 2021).

Nesse recorte 2b, a cena enunciativa é constituída por um Locutor que, ao dizer, o faz do lugar social de alocutor-escritor-ativista, pois produz sentidos, a partir desse lugar. No enunciado “sou um homem ultrainteressado pela história do negro”, por exemplo, está marcada essa posição; essa cena apresenta um lugar de dizer enquanto enunciador-individual, que diz “eu sou”, “eu escrevo”, “eu acho”, “a minha conscientização”. Como já dissemos acima, esse enunciador diz estando fora da história, no princípio do dizer e sustentando o dizer.

Pelas relações apresentadas nesse recorte, em que analisaremos o funcionamento da palavra “negro”, temos reescrituras dessa palavra da seguinte forma: “história do negro”, “Associação Cultural do Negro”, “Movimento Negro”, em que a palavra “negro” é reescriturada por repetição e está numa relação de articulação, sendo que determina história, associação cultural e movimento. Nesse funcionamento enunciativo temos, então, o sintagma nominal “história do negro”, sendo reescriturado por repetição e articulado numa relação predicativa: “é uma luta em que acho que houve acerto”. Ou seja, negro se constitui na relação com história de luta, sendo essa luta considerada importante, acertada.

Nas reescrituras seguintes a palavra “negro” está articulada à “Associação Cultural do Negro”, em que está em funcionamento o sentido da existência de uma Associação que é Cultural e que é específica “do negro”. Sendo que Associação Cultural do Negro está reescriturada por condensação, por movimento negro, em que movimento negro produz sentido de totalização. Ou seja, movimento negro é hiperônimo de Associação Cultural do Negro. Desse modo, a Associação criada a partir do ou no interior do Movimento Negro como responsável pela conscientização em relação à história de luta realizada pelo negro; e sendo o

movimento negro constituído enquanto lugar de resistência ao racismo e à desigualdade. Por essas relações, é possível apresentar o DSD 4:



Por essas relações, o alocutor-escritor-ativista, do lugar de enunciador-individual, apresenta ao alocutário-negro uma direção de argumentação no sentido de que enquanto negro eu conheço a “nossa luta”, eu consegui muita coisa a partir dela, é preciso continuar a lutar; e diz ao alocutário-ativista da existência da desigualdade e da importância do Movimento Negro, pois ele é espaço de conscientização.

Nos enunciados analisados acima, há uma direção da certeza no sentido do reconhecimento da história do negro, que inclui Zumbi como sua grande representatividade; da necessidade da luta e da resistência do negro contra a sua dominação; e, ainda, em relação à importância do Movimento Negro para a conscientização do povo.

O conjunto de enunciados em funcionamento na enunciação do alocutor-historiador/escritor-negro-ativista apresenta uma força performativa ao dizer ao alocutário-negro, ao alocutário-ativista e até a um alocutário-historiador/escritor, que se constituem enquanto seus correlatos e se identificam com esse dizer, ou seja, dizer do lugar de alocutor-historiador/escritor-negro-ativista é dizer do lugar da certeza em relação à condição do negro, especialmente por conhecer e vivenciar a sua história.

Considerações finais

As análises desenvolvidas acima apontam duas direções de certezas distintas em relação ao sentido de negro e de Movimento Negro, em que é possível compreender que, do lugar social de alocutor-presidente da FCP, está em funcionamento sentidos que apontam para a direção da necessidade de contestação da história do negro no Brasil e, conseqüentemente, do não reconhecimento à importância do Movimento Negro e das atividades realizadas por esse Movimento, como as comemorações do Dia da Consciência Negra, o que constitui essa enunciação como racista. Há, também, do lugar social de alocutor-historiador/escritor, a direção de sentidos que aponta para a certeza em relação à importância da luta do negro e do movimento de resistência realizado pelo Movimento Negro, que produz conscientização,

direitos e reconhecimento à história que constitui o negro e que precisa ser continuada, o que produz para essa enunciação o sentido de ativista.

Desse modo, é possível perceber que as certezas que constituem a posição de alocutor-presidente da FCP são contestadas pelas certezas que constituem a posição de alocutor-historiador/escritor e vice e versa. As certezas apresentadas pelo alocutor-escritor são constituídas e sustentadas histórica e socialmente, as certezas apresentadas pelo alocutor-presidente da FCP são sustentadas por suas crenças e pelo seus direitos, também sentidos constituídos histórica e socialmente, conforme os enunciados: “não tenho que admirar Zumbi”; “não tenho que apoiar dia da consciência negra”.

Assim sendo, a contestação das certezas apresentadas nos argumentos do presidente da FCP denuncia a inexistência de princípios éticos no processo de significação das pessoas negras e dos movimentos nos quais muitas delas estão engajadas. A ética, segundo Orlandi (2013, p. 52-53), tanto é uma questão de conduta, uma vez que, “pela ordem do político”, o sujeito é responsabilizado por aquilo que diz, quanto uma questão da “produção da significação, porque ela incide sobre a relação da língua (sujeita a equívocos) com a história na constituição dos sentidos e dos sujeitos”, faz parte do trabalho ideológico que se estrutura na sociedade, afetando os modos de dizer e também os sujeitos.

Referências

- ALMEIDA, Silvio. *Racismo estrutural*. São Paulo: Pólen, 2019.
- AUSTIN, John Langshaw [1962]. *Quando dizer é fazer*. Tradução de Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral I*. Tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luísa Neri; Revisão de Isaac Nicolau Salum. 4. ed. Campinas, SP: Pontes; Unicamp, 1995.
- DUCROT, Oswald. *Princípios de semântica linguística (dizer e não dizer)*. Tradução de Carlos Vogt, Rodolfo Ilari e Rosa Attiê Figueira. São Paulo, SP: Cultrix, 1977.
- GOMES, Nilma Lino. *O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.
- GUIMARÃES, Eduardo [2002]. *Semântica do acontecimento: um estudo enunciativo da designação*. 2.ed. Campinas, SP: Pontes, 2005a.
- GUIMARÃES, Eduardo. Domínio semântico de determinação. In: GUIMARÃES, E.; MOLLICA, M.C. *A palavra: forma e sentido*. Campinas: Pontes, RG Editores, 2007
- GUIMARÃES, Eduardo. Um contra argumento delocutivo: fala sério. *Revista Línguas & Linguagens*, Cascavel, v. 9, n. 16, p. 85-101, 2008.
- GUIMARÃES, Eduardo. *Análise de texto: procedimentos, análises, ensino*. Campinas, SP: Editora RG, 2011.
- GUIMARÃES, Eduardo. Ler um texto uma perspectiva enunciativa. *Revista da ABRALIN*, v. 12, n. 2, 2012.

PEREIRA, Wolber Sebastião; OLIVEIRA, Rosimar Regina Rodrigues de; SILVA, Florisbete de Jesus.

GUIMARÃES, Eduardo. *Semântica, enunciação e sentido*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Língua e conhecimento linguístico: para uma história das ideias no Brasil*. 2.ed. Cortez Editora, 2013.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Da certeza*. Lisboa: Edições 70, 1969.

Recebido em: 10/04/2022; Aceito em: 10/08/2022.